

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CLÁUDIA DE CÁSSIA DUARTE FAGUNDES

**UM ESTUDO SOBRE O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO NO 3º
SUBDISTRITO DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO – RS**

**Dom Pedrito
2018**

CLÁUDIA DE CÁSSIA DUARTE FAGUNDES

**UM ESTUDO SOBRE O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO NO 3º
SUBDISTRITO DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO – RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação do Campo – Licenciatura, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientador: José Guilherme Franco
Gonzaga

**Dom Pedrito
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

F156e Fagundes, Cláudia de Cássia Duarte Fagundes
UM ESTUDO SOBRE O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO NO 3º
SUBDISTRITO DO MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO - RS / Cláudia de
Cássia Duarte Fagundes Fagundes.
41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, EDUCAÇÃO NO CAMPO, 2018.

"Orientação: José Guilherme Franco Gonzaga Gonzaga".

1. Escolas do Campo. 2. Nucleação. 3. Fechamento das
Escolas do Campo. I. Título.

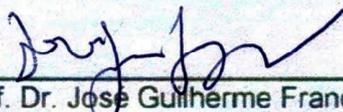
CLÁUDIA DE CÁSSIA DUARTE FAGUNDES

**UM ESTUDO SOBRE O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO NO
MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO – RS**

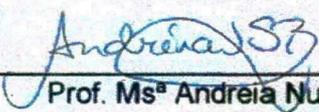
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação do
Campo – Licenciatura da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciada em
Educação do Campo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

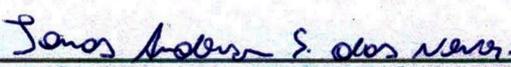
Banca examinadora:



Prof. Dr. Jose Guilherme Franco Gonzaga
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Msª Andreia Nunes Sá Brito
UNIPAMPA



Prof. Dr. Jonas Anderson Simões das Neves
UNIPAMPA

CLÁUDIA DE CÁSSIA DUARTE FAGUNDES

**UM ESTUDO SOBRE O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO NO MUNICÍPIO
DE DOM PEDRITO – RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação do
Campo – Licenciatura, da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Licenciada em
Educação do Campo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06 de Junho de
2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Guilherme Franco Gonzaga
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Ms^a Andreia Nunes Sá Brito
UNIPAMPA

Prof. Dr. Jonas Anderson Simões das Neves
UNIPAMPA

Dedico este trabalho às minhas filhas por entenderem minha “ausência” e dedicação ao longo dos anos do Curso.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Guilherme, pelas orientações e trocas de saberes;

Aos verdadeiros professores da Educação do Campo: Guilherme, Vinícius, Algacir, Suzana, Aniara, Andrea, Robaina, Crisna, Lisete, Jonas, Maritza, Moisés, Marilisa, Annie, Marcelo, Josiane, Leonardo Fábio e Denise que de forma sensível souberam apoiar em todos os momentos do Curso;

A banca, Professora Andréia e Professor Jonas, pelas considerações que somaram na qualidade deste trabalho;

Às colegas de Curso, pois foi à união de todas que nos permitiu concluir esta etapa;

À minha família, especialmente ao meu esposo e filhas que sempre incentivaram minha permanência e persistência no Curso;

Coleginho de Campanha

Letra: Francisco Brasil
Música: Marcelo Oliveira

Retornando o gurizito
Sua sombra rola na estrada
Preguiçosa e estirada.
Fim de Julho. Cinco e Meia.

Vai do colégio pra estância,
O olhar solto na distância
Onde o sol fraco se apeia
Onde o sol fraco se apeia
“Treis vez sete? Vinte e um!”
A tabuada repassa.
Depois, o seu mapa traça,
com o pensamento a loleo.

Sonhando com as capitais,
“Qual é mesmo a do Uruguai?”
Ihe escapou Montevideo.

Coléginho de campanha:
Esforço, ausência e goteira.
Pendendo numa ladeira
como a vida aqui de fora.

Mas hay que sacar pra frente,
manter aqui nossa gente
que não pode ir-se embora.

Coléginho de campanha:
Esforço, ausência e goteira.
Pendendo numa ladeira
como a vida aqui de fora.

Mas hay que sacar pra frente,
manter aqui nossa gente
que não pode ir-se embora.

Traz a voz da professora
sempre rondando a memória,
fantasiando as histórias
com a inocência da idade.

Guerras, mares, continentes
ou o perfil dos valentes
dos barcos de Garibaldi.

São netos das lavadeiras...
São filhos dos domadores...
No barro dos corredores
Num vai e vem de esperanças

que estão lá no coleginho.
Infância, fé e caminho...
Sorriso e luz de criança.
Sorriso e luz de criança.

Ranchito em campo emprestado,
por vezes fica tapera.
Atraso, greve e espera
por luz, maestro ou estrada.

Traz o mundo pra o rincão
em contas feitas nas mãos
e em sonhos da gurizada.

Coléginho de campanha:
Esforço, ausência e goteira.
Pendendo numa ladeira
Como a vida aqui de fora.

Mas hay que sacar pra frente,
manter aqui nossa gente
que não pode ir-se embora.

Coléginho de campanha:
Esforço, ausência e goteira.
Pendendo numa ladeira
Como a vida aqui de fora.

Mas hay que sacar pra frente,
manter aqui nossa gente
que não pode ir-se embora.

Retornando o gurizito...

(<https://www.youtube.com/watch?v=LPSNMUb7Qs8>)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns dos impactos sociais do fechamento das Escolas Carlos Coradini, Condomínio Xavier, Encruzilhada, Ernesto da Silva Mota, Menote Machado, Vacaiqua I, Vacaiqua III, Rita Bittencourt sendo nucleadas na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes. A metodologia empregada para a coleta de dados foi o uso de entrevistas e pesquisa com sujeitos que vivenciam ou vivenciaram a realidade do campo. Através destes dados, percebeu-se que foram vários os motivos para o fechamento de Escolas do Campo. Com os relatos, entretanto, foi possível perceber que as justificativas apresentadas pelo poder público não representam a realidade. Uma das razões explicitadas para o fechamento de uma Escola do Campo seria proporcionar melhor qualidade de ensino, porém isso não aconteceu. O que se nota, ainda hoje, são crianças partindo para a estrada às 4 horas da madrugada e, ao chegarem à Escola, não conseguem permanecer acordadas devido ao cansaço. Evidencia-se que as rotas do transporte escolar aumentam o tempo de estudantes nas estradas até a Escola Pólo. Os relatos das professoras do campo nos possibilitaram verificar a importância para a vida dos estudantes e da comunidade de escolas multisseriadas. Um fato gerado pelo fechamento das Escolas do Campo é o aumento do êxodo rural, pois muitas famílias se transferiram para a cidade, não porque não quisessem ficar, mas sim porque seus filhos necessitavam seguir os estudos. Grandes dificuldades também são enfrentadas porque as Escolas não possuem ensino fundamental completo. Percebeu-se também nas entrevistas que o município foi buscar modelos de Escolas e nucleações em cidades como Santa Maria e Ijuí, nas quais prevalecem os minifúndios, diferente da realidade do município de Dom Pedrito que possui grandes latifúndios e estradas de difícil acesso.

Palavras-Chave: Escolas do Campo; Nucleação; fechamento das Escolas do Campo.

ABSTRACT

This work aims to analyze some of the social impacts of the closure of the Carlos Coradini School, Condominio Xavier, Encruzilhada, Ernesto da Silva Mota, Menote Machado, Vacaiqua I, Vacaiqua III, and Rita Bittencourt being nucleated in the Municipal Rural School of Primary Education Sucessão dos Moraes. The methodology used for data collection was the use of interviews and research with subjects who lived or experienced the reality of the field. Through these data, it was noticed that there were several reasons for the closure of Field Schools. With the reports, however, it was possible to perceive that the justifications presented by the public power do not represent the reality. One of the reasons explained for the closing of a School of the Field would be to provide better teaching quality, but this did not happen. What can be seen, even today, are children leaving for the road at 4 o'clock in the morning and, when they arrive at school, they can not stay awake due to fatigue. It is evidenced that school transportation routes increase the time of students on the roads to Escola Pole. The reports of the teachers of the field enabled us to verify the importance for the life of the students and the community of multisite schools. A fact generated by the closure of the Campo Schools is the increase in the rural exodus, since many families moved to the city, not because they did not want to stay, but because their children needed to study. Great difficulties are also faced because Schools do not have complete elementary education. It was also noticed in the interviews that the municipality was looking for models of Schools and nucleations in cities such as Santa Maria and Ijuí, in which the minifundios prevail, different from the reality of the municipality of Dom Pedrito that has large latifundios and roads of difficult access.

Keywords: Field Schools; Nucleation; closing of the Field Schools.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Frente da E. M. R. Ens. F. Sucessão dos Moraes	22
Figura 2 - Mapa da localização da E. M. R. Ens. F. Sucessão dos Moraes	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escolas Rurais em atividade no Município	20
Tabela 2 - Escolas rurais desativadas no município.....	20
Tabela 3 - Linhas de transporte que atendem a E. M. R. ENS. F. Sucessão dos Moraes	23
Tabela 4 - Quadro com números de estudantes por ano na Escola Sucessão do Moraes.	23
Tabela 5 - Distribuição dos estudantes por nível de ensino	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEEd -Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul

CES - Comissão Especial de Sindicância

CIEP – Centro Integrado de Educação pública do Rio Grande do Sul

EJA – Educação de Jovens e Adultos

E. M. R. ENS. F. – Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental

FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental

FNDE – Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases na Educação

MST – Movimento dos Sem Terra

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

RS – Rio Grande do Sul

SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
Problemática.....	14
Objetivo Geral.....	14
1.3.1 Objetivos Específicos	14
Metodologia	14
Justificativa.....	15
2. REVISÃO DE LITERATURA	17
 O controverso processo de nucleação escolar.....	18
3 O FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO EM DOM PEDRITO	19
4 CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA: SUCESSÃO DOS MORAES	22
4.1 Apresentação da pesquisa e análise dos resultados (descrição dos relatos de conversas sobre fechamento de escolas na região do Ponche Verde)	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXO A.....	32

1 INTRODUÇÃO

A Educação do Campo tem-se constituído pelos movimentos dos sujeitos sociais que integram a realidade camponesa, e busca relacionar a vida do Campo às premissas educacionais, associando assim a Escola e a vivência desses povos, pois “[...] trata de construir uma Educação do povo do Campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele” (CALDART, 2004, p.12).

A Educação do Campo busca ressaltar a valorização dos sujeitos do Campo, suas vivências, sua realidade, respeitando a diversidade cultural e ecológica. Um passo fundamental para as Escolas do Campo é garantir a participação de toda a comunidade escolar nas decisões a serem tomadas, melhorando, assim, a qualidade educacional e social.

A Lei 12.960 assegura o não fechamento das Escolas do Campo, entretanto, contrariamente a esta Lei, temos observado o contrário, vem crescendo o número de Escolas fechadas. Uma preocupação constante para os pais dos estudantes que precisam mudar-se para a cidade. Muitas vezes estes estudantes abandonam os estudos, pois se sentem desmotivados para tal. No município de Dom Pedrito – RS, entre 2013 e 2018 foram fechadas cinco Escolas do Campo.

A divisão da família é outro fator preocupante, porque muitas vezes um dos pais permanece no Campo e o outro vem para a cidade, ou os filhos vem pra casa de parentes ou conhecidos influenciando na convivência harmoniosa das famílias desses estudantes.

Um dos principais fatores relacionados ao fechamento das Escolas do Campo é a nucleação. Os gestores decidem pela nucleação das Escolas do Campo que tenham um número reduzido de alunos, pois precisam conter gastos e recuperar a máquina pública e essa é uma das opções para o enxugamento de gastos.

Entretanto, são diversos os impactos gerados pelo fechamento dessas escolas rurais. Como demonstra, por exemplo, o relatório da “Comissão Especial de Sindicância (CES), criada pela Portaria nº 14, de 24.04.2017, para averiguar possível descumprimento da Resolução CEEEd 329/201”¹ Neste relatório os movimentos sociais do Campo buscam mostrar a toda a comunidade as consequências deste processo. Alguns fatores podem ser ressaltados tais como:

1 Relatório Final da Comissão Especial de Sindicância, portaria 14/2017 disponível no site: <http://www.ceed.rs.gov.br/inicial>

poucos estudantes residindo nas propriedades do Campo, diminuição de mão de obra no campo, divisão de famílias entre campo e cidade, aumento do desemprego e superpopulação na cidade e, claro, a nucleação escolar.

1.2. Problemática

A partir disso, tendo em vista todas as movimentações dos grupos que defendem a Educação do Campo, pois tem a concepção de Educação do Campo como um projeto educacional, de uma educação comprometida com os povos trabalhadores e suas lutas, surgiu então o problema que desencadeou esta pesquisa: Quais as consequências do fechamento das Escolas do Campo para as comunidades do Ponche Verde e a nucleação na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes?

Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é analisar alguns dos impactos sociais do fechamento das Escolas Carlos Coradini, Condomínio Xavier, Encruzilhada, Ernesto da Silva Mota, Menote Machado, Vacaiqua I, Vacaiqua III, Rita Bittencourt, sendo nucleadas na Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão do Moraes.

Objetivos Específicos

Quanto aos objetivos específicos, busca-se:

- Compreender o processo histórico de fechamento de Escolas do Campo no 3º Subdistrito do Município de Dom Pedrito;
- Entender os impactos da nucleação da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes na vida de professores e estudantes nas escolas nucleadas e paralisadas.

Metodologia

A construção metodológica desenvolvida no intuito de responder os objetivos desta pesquisa expõe as etapas e elementos que constituem o método aplicado, isto é, a caracterização do estudo, a definição das participantes entrevistadas, buscando

a diversidade de visões sobre a problemática proposta. Para isso entrevistei professoras, gestoras, mães e estudantes que de formas diferentes sofreram consequências do fechamento de escolas na região de Ponche Verde e a nucleação na escola Sucessão dos Moraes. Posteriormente, dediquei-me à interpretação das informações narradas por elas prestadas.

Definido o objeto de estudo, qual seja a situação, o fechamento das Escolas do 3º Subdistrito do município de Dom Pedrito, dos estudantes das Escolas do Campo em Dom Pedrito, decidiu-se o método a ser desenvolvido. Nessa perspectiva, esta pesquisa delineou-se como estudo de caso, conforme Gil (2008). Diz o autor que o estudo de caso, dentre suas outras possibilidades, permite explorar situações da vida real, descrição do contexto ambiental onde se realiza a pesquisa e a explicação de variáveis que desencadeiam fenômenos específicos. Assim, pensa-se que apresentar o cenário interativo, onde se desenrolam as situações de vida e aprendizagem dos estudantes das escolas do campo estudadas, torna-se viável e rico em elementos compreensivos dessa dinâmica, por isso, a necessidade de dados a respeito de uma escola nucleada, no caso do presente trabalho, a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão do Moraes.

A coleta de dados foi, então, realizada através de análise de documentos fornecidos pelos órgãos competentes e entrevistas e relatos de pessoas diretamente envolvidas no fechamento das Escolas do Campo e, conseqüentemente, afetadas pela processo de nucleação dessas escolas. Após as entrevistas, há uma análise das informações obtidas através da conversa da autora com as entrevistadas.

Justificativa

Esta pesquisa se justifica pelo fato de a autora estar inserida em um Curso de Educação do Campo – Licenciatura e, através do Curso, ter a oportunidade de aproximar-se novamente do contexto das escolas rurais e também compreender e conhecer as Leis que asseguram aos povos do Campo o acesso à Educação. Um dos principais fatores que a levaram a desenvolver esta pesquisa foi entender que, a partir do fechamento das Escolas rurais, muitos alunos ficaram restritos à nucleação para ter acesso às Escolas que ainda permanecem ativas.

Com esse grande número de Escolas rurais desativadas, cada vez mais a nucleação está sendo utilizada, mas vários estudantes passam por dificuldades para

manter seus estudos. Alunos oriundos de localidades distantes acabam por passar horas dentro do transporte escolar, chegando até a ficarem mais tempo dentro do transporte do que na Escola propriamente dita.

A autora é professora da rede municipal de ensino desde 1987, quando começou sua jornada profissional na Escola Municipal Rural Picada das Pedras, localizada no II Sub-distrito de Dom Pedrito. Vivenciou várias situações, em que se sentia sem apoio, quase completamente abandonada pelo órgão público. Era uma professora recém-formada no magistério, com muita vontade de trabalhar. Não existia água potável na escola, deslocava-se 8km por dia junto a alguns alunos que faziam aquele percurso até a escola na maioria das vezes de bicicleta e nos dias de chuva a pé. As famílias se mantinham no Campo com seus filhos e a escola era o lugar, não só das aulas, mas onde havia missa e vacinação. Essa Escola foi desativada em 2013. Agora os estudantes dessas localidades precisam se deslocar horas dentro de um transporte escolar saindo de madrugada e voltando de tarde para casa.

Ao longo desses anos de trabalho, a autora acompanhou o esforço das famílias para que mais um ano seus filhos estudassem na “escolinha” do Campo. E seu pensamento, como professora, é que se puder fazer algo por um estudante já se sente realizada - e reconhece que ao longo do tempo foram muitos -, apesar de parecer um grão de areia.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Ribeiro (2006), a nucleação de Escolas do Campo aparece nas pesquisas como uma “solução” para as Escolas multisseriadas e para os problemas enfrentados pela Educação do Campo. O autor ainda destaca as problemáticas que levam a este tipo de processo:

A manutenção (eliminação) das Escolas Rurais ocultam confronto de forças e interesses entre o Estado, que estimula o Agronegócio para o qual a reprodução da Agricultura Familiar é um obstáculo, e os movimentos sociais populares do Campo que, ao contrário, pretendem permanecer na terra e, para isso exigem a Educação pública do Campo como um direito (RIBEIRO, 2006, p. 6).

Conforme o trecho acima especifica, os grandes latifundiários de terra mantêm interesse nas propriedades dos pequenos agricultores familiares que de algum modo não conseguem se manter na terra por vários motivos. Dentre estes destacam-se a falta de escolas que ofertem o seguimento dos estudos de seus filhos, contribuindo assim para a evasão dos povos do campo, ocasionando o êxodo rural.

Em recente trabalho, Hage (2009, p.8) apoiado em dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) chama a atenção para a redução das formas concretas através da qual essa redução tem ocorrido e que é a nucleação das Escolas.

Dados fornecidos pelo Censo Escolar nos anos de 2006 a 2009 revelam grandes alterações das Escolas do Campo existentes no Brasil e regiões, ou seja, uma diminuição de Escolas. No ano de 2006, estavam em funcionamento 71.991 Escolas do Campo em todo o país, ao passo que, em 2009, este número caiu para 49.305 Escolas do Campo. Segundo estes dados, totalizaram 22.686 Escolas que foram desativadas, atingindo uma taxa de aproximadamente -46% no período analisado referente a todo o país (RIBEIRO, 2009).

O estudo realizado por Ramos (1991) relativo a uma experiência no Estado do Paraná descreve que entre as Escolas Rurais envolvidas em ações, as que mais sofrem com o fechamento são as pequenas. Aliado a este aspecto, muitos estudantes eram deslocados de suas comunidades para escolas urbanas.

Na realidade do Rio Grande do Sul, pode-se exemplificar os municípios de Santa Maria e Dilermando Aguiar, onde a nucleação volta-se muito mais ao interesse da comunidade. Todo o processo até a efetivação da nucleação foi discutido, planejado e organizado pela comunidade envolvida, ou seja, estes municípios estruturaram a nucleação de acordo com sua realidade e especificidades, inclusive diferentes modos de gestão de tempo escolar. Dentro das especificidades destacam-se a distância percorrida por alguns estudantes ser maior que o tempo de permanência na Escola. A solução em comum acordo foi o turno integral em dias alternados três vezes por semana.

2.1. O controverso processo de nucleação escolar

A partir da década de 90, a nucleação escolar intensificou-se, pois neste período as reformas educacionais da educação básica regidas pela Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, priorizaram o ensino fundamental com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (FUNDEF) e o fortalecimento do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE) (GONÇALVES, 2010). A instituição da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos critérios para a transferência de recursos financeiros para as escolas públicas do ensino fundamental levou ao fechamento de muitas escolas multisseriadas, o que acarretou na nucleação dos estudantes.

Na atualidade, têm-se registros do grupo “Movimento por uma Educação do Campo”, que são considerados os principais críticos ao modelo de Nucleação Escolar, ou seja, este grupo defende as classes multisseriadas como uma solução possível para o campo. Na luta contra o fechamento e na defesa para permanência das Escolas podemos citar um dos maiores, o Movimento dos Sem Terra (MST) que, em uma de suas campanhas em relação a este processo de fechamento das escolas rurais, expressa:

Para essas famílias camponesas, o anúncio do fechamento de uma escola na sua comunidade ou nas redondezas significa relegar seus filhos ao transporte escolar precarizado, às longas viagens diárias de ida e volta, saindo de madrugada e chegando no meio da tarde; à perda da convivência familiar, ao abandono da cultura do trabalho do campo e a tantos outros problemas. [...] Portanto, fechar uma escola do campo significa privar milhares de jovens de seu direito à escolarização, à formação como cidadãos e ao ensino que

contemple e se dê em sua realidade e como parte de sua cultura. Num país de milhares de analfabetos, impedir por motivos econômicos ou administrativos o acesso dos jovens à escola é, sim, um crime! (MST, 2011).

30 FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO EM DOM PEDRITO

Segundo Campos (2014), a presidenta Dilma Rousseff sancionou uma Lei que dificulta o fechamento de escolas rurais, indígenas e quilombolas. Essa lei de número 12.960, de 27 de março de 2014, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para fazer constar exigência de manifestação de órgão normativo – como os conselhos municipais de Educação - do sistema de ensino para o fechamento desse tipo de Escola. Além de exigir que o órgão normativo opine sobre o fechamento da unidade de ensino nessas áreas, a Lei estabelece que a comunidade escolar deverá ser ouvida e a Secretaria de Educação do estado deverá justificar a necessidade de encerramento das atividades da escola.

O projeto é de autoria do Executivo e, ao justificar a proposta, o então ministro da Educação, Aloízio Mercadante, destacou que as decisões tomadas sem consulta causam transtornos à população rural que deixa de ser atendida ou passa a demandar serviços de transporte escolar. Em fevereiro, integrantes do MST ocuparam o saguão da portaria principal do Ministério da Educação por duas horas para protestar contra o fechamento de Escolas no Campo.

Este processo de fechamento de escolas também pode ser identificado no Município de Dom Pedrito. Segundo os dados fornecidos pela SMEC, até o ano de 2017 no município de Dom Pedrito encontram-se quatorze Escolas em funcionamento. Dessas, duas Escolas compreendem até o ensino fundamental completo que são E. M. R. E. F. Sucessão dos Moraes (13) e E. M. R. E. F. Anna Riet Pinto (14). Das quatorze Escolas em atividade, conforme Tabela abaixo, dez possuem nucleação, sendo estas as de número: 2, 3, 4, 6, 7, 9, 11, 12, 13 e 14.

Apresento abaixo duas tabelas. Na Tabela 1 verifica-se as escolas em atividade, enquanto na tabela 2 escolas paralisadas:

Tabela 1 - Escolas Rurais em atividade no Município

ESCOLAS RURAIS – EM ATIVIDADE	INEP
1. E. M. Cruz de São Pedro I	43052479
2. E. M. Estação Vacaiquá	43052681
3. E. M. Granja do Peral	43053270
4. E. M. Manoela Freire	43052525
5. E. M. Oscar Pholman	43052975
6. E. M. Ofanda Jacinto	43204708
7. E. M. Pedro Bernardo dos Santos	43052380
8. E. M. Rufino Silveira de Sene	43052401
9. E. M. Sepé Tiarajú	43053440
10. E. M. Maneco Martins	43052460
11. E. M. Na Tala	43052649
12. E. M. E. I. Torquato Severo	43005012
13. E. M. R. E. F. Sucessão dos Moraes	43052622
14. E. M. R. E. F. Anna Riet Pinto	43053009

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC)

A Tabela 2, expõem-se as Escolas rurais que foram desativadas no município de Dom Pedrito:

Tabela 2 - Escolas rurais desativadas no município

ESCOLAS RURAIS – PARALISADAS	INEP
1. E. M. Carlos Coradini	43204759
2. E. M. Condomínio Xavier	43053181
3. E. M. Encruzilhada	43207863
4. E. M. Ernesto Silva Motta	43052541
5. E. M. Espinilho	43052932
6. E. M. Evaristo Gonçalves	43052347
7. E. M. Horácio Rezende Filho	43053394
8. E. M. Lauro Garrastazu	43053190
9. E. M. No Taimbé	-
10. E. M. Passo da Pedra	43207855
11. E. M. Passo do Acampamento	43952363
12. E. M. Passo Fundo	43052630
13. E. M. Passo do Salso	43052371
14. E. M. Picada das Pedras	43052495
15. E. M. Rita Bitterncourt	43052878
16. E. M. São Sebastião	-
17. E. M. Taquarembozinho	43053106
18. E. M. Vacaiquá I	43052592
19. E. M. Vacaiquá III	43052908
20. E. M. Menote Machado	43053050
21. E. M. Lafaiete Almeida	43052576
22. E. M. Wauthier	43052398

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC)

Conforme os dados da SMEC, verificou-se que vinte e duas Escolas foram desativadas no município, atualmente. A partir da pesquisa, observou-se que o fechamento das Escolas do Campo foram ocorrendo de forma gradativa, sendo que as Escolas de números 18, 19 e 20 foram desativadas no ano de 2013; já no ano de 2014, foi a Escola Lauro Garrastazu que encerrou suas atividades. No ano de 2015, as Escolas de número 21 e 22 também finalizaram suas atividades, e a Escola E. M. Passo do Salso (13) foi desativada recentemente, sendo que está atendida até o quinto ano.

4 CONTEXTO DA ESCOLA PESQUISADA: SUCESSÃO DOS MORAES

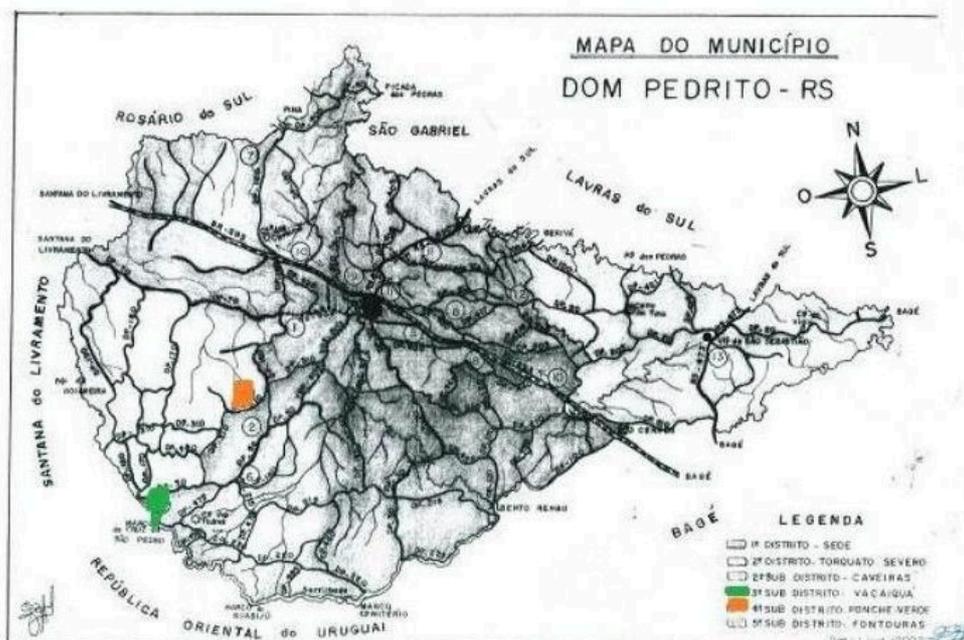
A Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão do Moraes foi a escolhida para esta pesquisa, pois é uma Escola Polo. Situada na localidade do Upacaray, 3º Subdistrito de Dom Pedrito – RS, é mantida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 13ª Coordenadoria Regional do Estado.

Figura 1 - Frente da E. M. R. Ens. F. Sucessão dos Moraes



Fonte: Erica Adriane Maciel de Los Santos.

Figura 2 - Mapa da localização da E. M. R. Ens. F. Sucessão dos Moraes



Fonte: Izalina de Vargas Oliva.

Esta Escola possui turmas da pré-escola ao ensino fundamental completo. Dezesseis professores habilitados compõem o quadro docente para atender 74

alunos. O prédio possui 18 salas de aula, 1 refeitório, 1 sala de direção e 3 banheiros. Não possui Laboratório de Ciências e nem de Informática.

Estes estudantes utilizam transporte escolar, tanto através do Programa Caminho da Escola, quanto ônibus terceirizados. Abaixo apresento as linhas de transporte que atendem estudantes da escola Sucessão dos Moraes, com dados referentes à quilometragem e tempo de duração das viagens.

A Tabela 3 especifica as linhas, a quilometragem e a duração do percurso nas rotas relacionadas à nucleação s E. M. R. ENS. F. Sucessão dos Moraes.

Tabela 3 - Linhas de transporte que atendem a E. M. R. ENS. F. Sucessão dos Moraes

LINHAS	QUILOMETRAGEM	DURAÇÃO DE TEMPO
Tercerizado (PROFESSORES)	50, 2 km	Ida (7h33m – 8h30m) Retorno (12h14m – 13h10m)
Três Vendas	198,3 km	Ida (4h55m – 8h25m) Retorno (13h24m – 16h ou 14h)
Encruzilhada	-	-
Ponche Verde	232 km – saindo da campanha. 352 km – saindo da cidade.	Saindo da Campanha: Ida (5h – 8h30m) Retorno (12h30m – 19h) Saindo da cidade: Ida (3h – 8h30m) Retorno (12h30m – 21h)

Fonte: Autores (2018)

4.1 Apresentação da pesquisa e análise dos resultados

Notou-se que apesar da nucleação houve um declínio no número de estudantes do Campo na Escola Pólo conforme o demonstrado na Tabela 4, que pode indicar um esvaziamento populacional desta região, talvez como consequência da grande concentração de renda com grande latifundiários e consequentemente o êxodo dos pequenos proprietários.

Tabela 4 - Quadro com números de estudantes por ano na Escola Sucessão do Moraes.

Ano	Número de estudantes
2008	117
2009	135

2010	109
2011	104
2012	100
2013	90
2014	69
2015	68
2016	80
2017	74
2018	74

Fonte: Autores (2018)

No ano de 2018 a E. M. R. ENS. F. Sucessão dos Moraes, apresenta 74 estudantes matriculados. A Tabela 5 mostra a distribuição dos mesmos conforme o nível de ensino.

Tabela 5 - Distribuição dos estudantes por nível de ensino

Nível de ensino	Número de estudantes
Pré A	5
Pré B	6
1º ano	5
2º ano	8
3º ano	5
4º ano	11
5º ano	8
6º ano	7
7º ano	10
8º ano	7
9º ano	2
Total	74

Fonte: Autores (2018)

Foram entrevistadas quatro pessoas para compreender o impacto do fechamento das Escolas: a professora aposentada, que foi Coordenadora da Educação do Campo no município de Dom Pedrito pelo período de 12 anos; a professora, mãe de uma estudante da zona rural; a Supervisora de Matemática do município e professora da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes; uma ex-aluna e filha de uma professora que residia e atuava em Escolas do Campo. Todas as entrevistadas têm ou tiveram vínculo com as Escolas do

Campo. Nestas entrevistas foi-lhes solicitado um relato sobre suas vivências no Campo, como professoras e alunas.

A partir das entrevistas realizadas pela autora deste trabalho, foi possível chegar a algumas conclusões, sendo a principal delas a de que as pessoas envolvidas na Educação do Campo, à época em que começou o fechamento das escolas do interior, não foram ouvidas, sequer consultadas sobre esse processo. Esse relato vem da professora Elsa Fontoura, cuja experiência nas escolas rurais a faz questionar o processo de fechamento e nucleação e o modo como estava sendo realizado.

Em sua entrevista, uma professora aposentada informou que foi realizado um estudo para a aplicação da nucleação em Dom Pedrito. Segundo ela, “Foram 5 dias em Santa Maria e 5 dias em Ijuí”. Entretanto ela já refletia que:

Pela experiência que eu tinha jamais iria dar certo. Nós tínhamos estradas rodeadas de fazendas (grande extensão de campo). Crianças cansadas viajando só com motorista, sem um copiloto, para auxiliar, caso houvesse necessidade de sair a pedir recursos. Lamentavelmente, isso foi comprovado quando voltei, pela segunda vez como Supervisora, a atuar em 46 escolas e duas nucleadas com uma série de problemas.

A professora aposentada relata ainda que uma das consequências da nucleação é o comprometimento da saúde, crianças expostas a viagens demoradas podem alterar as funções fisiológicas. “*Crianças cansadas viajando só com o motorista, sem um copiloto para auxiliar, caso houvesse necessidade de sair a pedir recursos [...]*”.

Outro aspecto a ser destacado é a dificuldade no deslocamento das crianças para essas escolas nucleadas. Conforme relato da professora, mãe de aluna de uma Escola do Campo, que se transferiu para a cidade, porque os pais não aceitavam a nucleação, nos moldes em que era oferecida, especialmente em relação ao tempo de duração do transporte escolar. De acordo com a entrevistada,

... quando minha filha veio para cidade também não tinha mais o 5º ano e hoje tem o transporte escolar, a nucleação, que vão buscar as crianças que, às vezes, tem que sair às 4h, como lá perto da Escola que vem aqui na cidade que anda o dia inteiro dentro de um ônibus e que não tem condições de estudar. Os ônibus nem sempre vão buscar, às vezes passa um mês e a criança sem chegar à Escola que é uma dificuldade imensa, tanto para os professores que trabalham, quanto para os pais e para os alunos que estudam. As crianças perdem o foco, perdem a continuidade dos estudos. Eu não concordo nem um pouquinho com este tipo de transporte.

Esta fala da mãe de uma estudante nos ajuda a compreender a Tabela 5, página 24, com a redução de estudantes matriculados na Escola Sucessão dos Moraes, mesmo após o processo de nucleação.

Entretanto, apesar dessas dificuldades anteriormente elencadas, a nucleação também trouxe aspectos positivos para a clientela escolar do campo. O relato da professora supervisora de matemática nos mostra o esforço que está sendo empreendido, especialmente na Escola Pólo Sucessão dos Moraes, para que a nucleação seja de real valor àquela comunidade escolar. O conhecimento e a valorização da escola e do contexto onde está inserida, a diversificação nos projetos, a capacitação dos professores, a aproximação dos educandos à sua realidade de vida no Campo são ações desenvolvidas visando ao objetivo maior, o aluno e a construção do seu próprio conhecimento como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e Novos Talentos para a Ciência.

A inserção do PIBID na Escola deu-se em 2014:

Então, foi muito interessante levar um projeto de ciências pra dentro de uma Escola do Campo, até porque em alguns momentos essas escolas são consideradas escolas urbanocêntricas, onde elas utilizam um pedaço da cidade dentro do Campo, e o PIBID trouxe essa diversidade, o PIBID procurou trazer o que era do Campo pro Campo, então nós valorizamos todo o contexto, nós começamos primeiro com um diagnóstico da escola nós identificamos né, estudamos o projeto político pedagógico, depois nós montamos um pequeno texto na verdade, de quem era aquela escola, quem aquela escola atendia, então na verdade nós começamos primeiro a elaborar o raio x, de quem era o Sucessão dos Moraes, pra a partir daí nós começarmos a fazer ações voltadas pra ciência e tecnologia dentro daquele espaço.

As experiências vividas e os resultados positivos foram o incentivo para que a professora buscasse a permanência na Escola e a continuidade do seu trabalho.

[...] é sempre muito importante potencializar é sempre muito importante dar sentido, então, até hoje eu faço parte do quadro de professores do Sucessão do Moraes.

Enfim, trabalhar numa Escola do Campo requer um olhar diferente, trabalhar numa Escola do Campo é enxergar diferente, é respeitar a diversidade, é saber que aquela clientela ali, que eles têm direitos, né, sobre educação. Com a educação, por mais que se fale muito que o ensino do campo não é um ensino de qualidade, não é verdade, somos todos capacitados, nós professores e a clientela que a gente tá trabalhando, então assim para a escola do Campo é preciso que o professor que esteja lá, ele se sinta do Campo também, pra ele poder dar sentido pra aquilo que ele tá fazendo ali.

Em relação a última entrevistada, filha de uma professora, esta apresenta-nos a visão de quem enfrentou transtornos físicos e emocionais nessa etapa de sua vida escolar, pois de acordo com Isis:

eu tinha que me deslocar em média uns 30km até a Escola Sucessão dos Moraes, onde eu fiz, onde eu terminei o quinto ano. Eu saía de casa por volta das sete horas, seis e meia, eu tinha que ficar esperando o ônibus que passava. Pra mim, não era tão difícil, quanto pra outros alunos, eu via que moravam mais longe, crianças de primeiro ano que saíam de casa cinco horas da manhã, que era uma judiaria. Elas saíam dormindo, tanto as meninas quanto os meninos. Ah, na Escola em si, era bom, mas em compensação eu cheguei a ficar 20 dias sem aula, isso me prejudicava muito

A entrevistada, hoje é graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática, na UNIPAMPA e vale salientar que essas questões a impediram de continuar seus estudos no campo, mas não a impediram de tentar realizar o estágio da graduação em uma escola nucleada e ver de perto como está sendo a realidade nessas escolas. Infelizmente, não obteve êxito, uma vez que as aulas na escola ainda não haviam iniciado devido a problemas com o transporte escolar, e isso atrasaria o calendário das atividades previstas para a realização do estágio. De toda forma, é um fato que encanta, pois vem ao encontro do que propõe a Educação do Campo: o sentimento de pertencimento àquela região e de resgate das memórias e vivências de sua vida escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, mediante as entrevistas, a pesquisadora relembra a época que iniciou suas atividades há 30 anos, no ano de 1987. Percebe que muito pouco da realidade daquela época até os dias atuais foi alterado, pois as condições físicas e básicas, como a água potável para consumo não existiam na Escola e nem no caminho da Escola. Hoje ela é levada da zona urbana para as caixas d'água das Escolas em caminhões-pipa, sendo que às vezes ocorre desabastecimento por vários dias. Isso torna cada vez mais difícil a permanência e persistência por parte dos alunos e dos professores das Escolas do Campo em permanecer ali.

A professora quase sempre morava na Escola, outras paravam em casas particulares. Como a autora ministrou aulas nas Escolas do Campo, confirma que os prédios não oferecem condições de moradia. No caso, os sanitários eram do lado de fora da Escola onde morava. Outro fato é que os professores que residem e têm família no Campo, necessitam de apoio dos órgãos que mantêm a Escola de forma que tenha um ensino fundamental completa sem que haja a necessidade do abandono de sua vida no Campo.

A Lei 12.960, de 27 de março de 2014, que dificulta o não fechamento das Escolas do Campo, é de grande valia, porém falta uma penalidade aos municípios e estados que não a cumprirem.

O processo de fechamento das Escolas do Campo acarretou uma alteração no cotidiano das famílias e, conseqüentemente, dos estudantes. Como exemplo, em um dos relatos e também nos dados verificados na SMEC, a nucleação se inicia às 4 horas da manhã em algumas rotas. As condições dos transportes que realizam a nucleação são precárias, pois grande parte dos ônibus não possuem sequer um banheiro ou banco reclinável. Os estudantes submetidos a esta situação e viajando por longas horas chegam à Escola cansados, desanimados e com muito sono. Todos estes aspectos levam ao entendimento de que o conhecimento acaba não favorecido por desgaste físico e mental, especialmente em relação aos estudantes de menor faixa etária. Não se confirma, pois, a partir dessa observação, o argumento de que a nucleação das escolas contribui para a melhoria na organização do ensino.

Em algumas situações, no entanto, é possível que haja a necessidade de ser implantada uma nova forma de organização para as Escolas do Campo. Dom

Pedrito, por exemplo, é o quinto em extensão rural no estado, e manter Escolas, recursos humanos e materiais em localidades onde há um número extremamente reduzido de alunos torna-se, praticamente, inviável em termos de custos para o município. Mas isso não pode se dar à custa da saída dos moradores do Campo, interferindo na formação da identidade dessas crianças e possibilitando o desenraizamento desses sujeitos camponeses. A nucleação, portanto, não pode ser considerada completamente negativa, pode haver uma logística mais eficiente, realizada com menor quilometragem e maior otimização do tempo, por ser este o que se apresenta como o maior problema das Escolas nucleadas.

O afastamento do lugar onde o estudante convivia para busca de estudos na zona urbana no entendimento da pesquisadora não é um ponto positivo, pois o apoio familiar é de extrema importância na fase estudantil.

Não só pelas profissões, o fato, relatado em uma das entrevistas, de que alguns estudantes oriundos das Escolas rurais tornaram-se médicos, sargentos, professores demonstra a capacidade do ensino dessas escolas, renegando o preconceito existente com os estudantes do Campo. O desenvolvimento de atividades afins nas Escolas do Campo, como o PIBID, mostra a importância que elas possuem no município, para além disso, porque contribuem para a comunidade.

Destaca-se também a questão de que os professores não querem permanecer no Campo, porque precisariam de estruturas e condições mínimas para isso, o que - até o presente momento - não acontece, conforme a fala de uma das entrevistadas.

Além disso, a não valorização das experiências profissionais daqueles que conhecem a realidade do campo não funcionou como um alerta necessário para mudar a ideia de fechamento de tantas Escolas do Campo.

Este trabalho de conclusão de Curso contribuiu para refletir sobre que papel, enquanto sujeito e educadora do Campo, preciso exercer, colaborando para minha visão crítica e reflexiva sobre o fechamento das Escolas do Campo.

Considera-se este trabalho de suma importância para desenvolver e ter uma visão crítica e reflexiva em relação à realidade do campo, pois analisando-se a situação real do fechamento das Escolas do Campo, observa-se que existem leis para impedir o fechamento das mesmas, mas que não são seguidas pelos municípios e estados e, certamente, o fato de não haver penalidades para isso concorre para que o fechamento das escolas continue sendo feito.

Pode-se perceber com o que foi pesquisado que houve uma grande diminuição das Escolas do Campo prejudicando assim uma gama de estudantes que, ao se afastar do seu ambiente de origem, enfrentou dificuldades e estas, muitas vezes, levaram-nos a abandonar seus estudos. Conforme a Tabela 4 na página 23, há uma redução considerável no número de matrículas na Escola.

A partir disso, talvez seja possível estabelecer conexões entre o fechamento dessas escolas e o diminuto número de alunos a própria questão fundiária, visto que além disso, a concentração de latifúndios provoca impactos consideráveis na estrutura familiar, provocando também o êxodo rural.

Conforme a música que apresenta-se como epígrafe deste trabalho, os que hoje residem no Campo “são os netos de lavadeiras, são filhos de domadores no barro dos corredores num vai e vem de esperanças” aos quais historicamente tem sido negado o direito a Escola. Lutar contra o fechamento das Escolas é lutar pelo direito a Educação social e cultural a estes que respeitam os territórios, os saberes destas pessoas.

A autora encerra este trabalho com a certeza que se houvesse, por parte de gestores e governantes, um olhar mais profundo para os estudantes do Campo, tantas escolas não seriam desativadas.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Migrantes Rurais. In DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia. TOMAZ, Omar Ribeiro (org). São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. A multissérie em pauta: para transgredir o paradigma seriado nas escolas do campo. I Encontro de Profissionais de Classes Multisseriadas das Escolas do Campo da Bahia. Salvador, 2009.

MST. Educadores lançam manifesto contra o fechamento de escolas rurais. MST: 2011. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/node/12562>> Acesso em 15/10/11.

OLIVEIRA, A. M. V. de M. Nucleação de Escolas do Campo como estratégia de melhoria do ensino: esboços de compreensão. 2010.

SMEC Dom Pedrito. Dados das Escolas Rurais do Município de Dom Pedrito-RS, 2017.

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e método. Tradução de Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A

Entrevista 1) Professora aposentada

“Iniciei em 1975 e me aposentei em 2005. Trabalhei 30 anos e seis meses, sendo que mais tempo nas Escolas rurais. Fui supervisora na zona rural em três administrações. A última, em um ano e quatro meses. Mais ou menos há 20 anos, tínhamos 68 Escolas Rurais, sendo 8 estaduais e 88 professoras. As crianças iam por conta própria a cavalo, a pé, de bicicleta, de carroça e lá estavam felizes. A professora quase sempre morava na escola, outras paravam em casas particulares. Era o ideal da época. Nessa mesma administração, fui, juntamente com assessoras da Secretaria, ver o modelo das nucleações. Foram 5 dias em Santa Maria e 5 dias em Ijuí. Lá tudo muito bem, minifúndio, pouca estrada de chão, outra realidade. Bom, foi criada a primeira nucleação. Fecharam 5 escolas que estavam perto do Ana Riet. Pela experiência que eu tinha, jamais iria dar certo. Nós tínhamos estradas rodeadas de fazendas (grande extensão de campo). Crianças cansadas viajando só com motorista, sem um copiloto, para auxiliar caso houvesse necessidade de sair a pedir recursos. Lamentavelmente, quando voltei pela segunda vez como Supervisora, haviam 46 escolas e duas nucleadas com uma série de problemas. A partir daí, com o transporte escolar, desobrigou os pais a tomarem iniciativa de levarem os filhos para escola. Ninguém leva, obrigação do governo. Professores também já era difícil ficarem na zona rural. Quando retornei pela terceira vez, minha tristeza, escolas fechadas e prédios sendo demolidos onde tinha vida, futura tapera. Indignação! Vi saírem alunos da zona rural com um professor unidocente que hoje são médicos, sargentos, advogados e professores etc. Com uma realidade de 21 escolas, só 4 tinham água, só 3 escolas os alunos iam por conta própria. Quando sai da secretaria depois de 1 ano e quatro meses, só tinham 19. É um caso de ver onde esta o erro e acertar. Acredito que as coisas ficaram piores! Pais vendendo o que tinham, vendendo até terras baratas, porque rodeados por fazendeiros. Falta de emprego na cidade e muitas crianças ficaram sem seguir os estudos. Crianças desestimuladas, cansadas. Acredito que nunca mais será como antes.”

Mãe de aluna de escola do campo

“Estou fazendo um relato da minha caminhada profissional como professora de zona rural e como mãe de aluna que estudou até a antiga 5º série na Escola Raul Corsini, onde comecei meu trabalho como professora na Escola Raul Moreira Corsini, situada a 60 km da cidade, onde morava e trabalhava, pois tenho propriedade a 7km da referida Escola. Tive que vir pra cidade para que a filha concluísse e eu seguisse meus estudos também, conclui minha graduação de Pedagogia e séries iniciais. Segui trabalhando nas Escolas e fui responsável também pela nucleação na Escola Anna Riet Pinto. A primeira nucleação foi no Pedro Bernardo e em seguida passei para o Anna Riet Pinto como professora municipal. Depois passei por estas Escolas sendo também Diretora e Vice Diretora da Escola Alda Seabra no município, depois pelo Alcides Maia onde me aposentei. Segui meu trabalho no estado no CIEP, no Alzira, Agora estou no Dulce e no Bernardino Ângelo trabalhando na EJA, no magistério e com os alunos da Educação nas séries iniciais. Gosto muito do trabalho da zona Rural, onde eu retornei no ano de 2014 para fazer um trabalho melhor na Escola, pois achei que poderia fazer, mas as estradas não proporcionaram que eu permanecesse muito tempo. Fiquei três anos na escola e não consegui mais pela dificuldade de acesso, pelas estradas que não permitem a trafegabilidade nos dias de chuva. E quando minha filha veio para cidade também não tinha mais o 5º ano e hoje tem o transporte escolar, a nucleação, que vão buscar as crianças que, às vezes, têm que sair às 4h, como lá perto da Escola que vem aqui na cidade que anda o dia inteiro dentro de um ônibus e que não tem condições de estudar. Os ônibus nem sempre vão buscar, às vezes, passa um mês e a criança sem chegar à Escola que é uma dificuldade imensa, tanto para os professores que trabalham, quanto para os pais e para os alunos que estudam. As crianças perdem o foco, perdem a continuidade dos estudos. Eu não concordo nem um pouquinho com este tipo de transporte. Acho que as Escolas teriam que dar acesso para levar as professoras na segunda e trazer na sexta. Por que as Escolas são boas, a maioria, mas tem umas que não permitem que a professora fique, mas esta minha do estado era bem boa. Inclusive até internet tinha chegado à Escola e eu não pude concluir meu trabalho justamente por isso. Porque as crianças não tinham como chegar à Escola. Não temos estradas que favorecem nosso trabalho. Como mãe, eu gosto muito do trabalho na zona rural, bem rico, importante e aquelas pessoas que estão lá precisam, como na escola em

que eu estava, a Anna Riet, e a Raul Corsini. Nessa região, há muitas granjas, e as pessoas precisam se fixar no trabalho e precisam que seus filhos estudem. Como eu era responsável pelo Ana Riet, fazia a rota com os motoristas pra ver as distâncias que eles iam percorrer e, na época, eles não entravam dentro dos campos, como agora, eles entram quilômetros dentro da propriedade para pegar as crianças e isso atrasa, elas têm que levantar muito mais cedo pra chegar até as escolas, mas é um trabalho encantador. No Raul Corsini, eu voltei já graduada para tentar fazer um trabalho melhor para aquela comunidade que é a minha, em que eu tenho propriedade e eu acho massacrante. Eu não colocaria meus filhos dentro de um ônibus às 4h da manhã para ficar o dia inteiro dentro da escola e, às vezes, têm aula o dia inteiro para repor as aulas, pois estas estão sempre atrasadas motivadas pela escola. Falam em permanência do homem no campo, mas não dão o que as pessoas precisam para permanecer, para fazer um bom trabalho lá na zona rural. Eu acho que,

em primeiro lugar, as estradas e a permanência do professor na escola pra que o trabalho seja desenvolvido com qualidade já que o professor é o diretor, como no meu caso eu era a professora, coordenadora, supervisora fazia todo o trabalho burocrático do estado. E apresentar em Bagé duas vezes no mês, levando o material da escola que é parte burocrática e a faxineira e merendeira tudo numa só. No meu último ano de trabalho, em 2016, eu tive 16 alunos, sendo 2 alunos do sexto ano, então eu fiz a grade curricular, para que os alunos pudessem ficar mais tempo, até a pedido de mães que não tinham casa para morar na cidade. O pessoal tem que pagar o aluguel e arrumar um emprego e não é fácil pra ninguém, e lá, eles têm como sobreviver têm de onde tirar o sustento, daquele pedaço que eles têm morando lá. E aí, eu atendia 16 alunos sendo todas as séries iniciais do 1º ano 5º ano mais os dois anos do 6º e fazendo toda a parte burocrática. No ano seguinte, a Prefeitura decidiu colocar - até por pedido dos pais - a pré-escola, pois a escola tinha as condições: uma peça e uma pracinha, e então foi feita uma parceria com o município, mas que no final não funcionou motivado por tudo isso. Quando eles me deram o pessoal para ajeitar a escola, que estava muito feia, era para reformar toda a parte elétrica com a verba do estado, mas nunca foi possível chegar, começou a chuva e não conseguiam chegar porque a Prefeitura não tinha um carro tracionado que desse condições de chegar até a escola onde eles me dariam o transporte que me levaria na segunda e me traria na sexta, mas não consegui fazer e decidi de vez

terminar com o trabalho. No momento está encerrada. A escola tem tudo, verba que recebe pra comprar o material didático, tem jogos, tem internet, tinha computador, tinha televisão, só que coisas que também não funcionavam porque havia interferência na antena, pela distância e acesso ali próximo do Uruguai que tira toda a linha e não funciona por causa disso.”

Filha de uma professora que residia e atuava em escolas do campo

“Esse relato que vou fazer sobre a minha vivência de estudante de uma escola nucleada é para o TCC da acadêmica Claudia, do Curso de Educação no Campo da UNIPAMPA - Campus - Dom Pedrito. Eu tenho 20 anos e, do segundo ao quinto ano, eu estudei na Escola Menote Machado na localidade da Música, a 67km da cidade. Eu morava na escola e era aluna da minha mãe, em sala de aula multisseriada. Quando no quinto ano, em abril, a minha mãe resolveu trocar de escola e ir para a escola em que a minha avó dava aula e ia se aposentar na Escola Vacaiquá 1, na Subdistrito Vacaiquá, a 47km da cidade. Só que nessa Escola não havia quinto ano, eu tinha que me deslocar, em média, uns 30km até a Escola Sucessão dos Moraes, onde eu terminei o quinto ano. Eu saía de casa por volta das sete horas, seis e meia, e tinha que ficar esperando o ônibus que passava. Pra mim, não era tão difícil quanto era para outros alunos que moravam mais longe, crianças de primeiro ano que saíam de casa às cinco horas, era uma judiaria, elas saíam dormindo, tanto as meninas quanto os menininhos. Ah, na Escola em si, era bom, mas em compensação eu cheguei a ficar 20 dias sem aula, isso me prejudicava muito, mas eu tinha a sorte de ter duas professoras: a minha vó perto e a minha mãe dentro de casa, o que não foi tão... não tive um atraso tão grande. Mas eu acabei saindo da escola e vindo para a cidade estudar, porque prejudicava e era cansativo. As terças e as quintas eram os dias de dobradinha e nós tínhamos que sair de casa às sete da manhã, estudar toda a manhã, comer na escola, ter aula até três e meia, e aí eu chegava em casa só as cinco horas da tarde, então era bem sacrificante pra mim que morava a 30km em média do colégio, imagina para aqueles alunos que moravam a 60km, 70km? Alunos que saíam lá da fronteira com o Uruguai e vinham para esse colégio também? E isso ainda acontece atualmente. Outro ponto por que eu acho que a nucleação é desnecessária “entre aspas”, é a questão de que, no meu caso mesmo, eu morava em uma escola que tinha condições de ter um quinto ano para mim e para mais uns 3 alunos, que eram dali

da região, da zona, e eu acho que é desnecessário eu sair de casa, onde eu podia estudar, e ter que me deslocar 30km pra ter uma educação não tão de qualidade, porque só o cansaço que eu levava até chegar à escola, já me desestimulava bastante. Para mim, foi um ano desestimulante, e tanto é que quando eu cheguei à cidade eu percebi que eu estava bem atrasada perante os meus colegas. Eu vim para a cidade com minha avó, ela tinha se aposentado e trouxe a minha tia que tem Síndrome de Down para estudar na cidade, para ter mais recurso, e eu vim com ela morar, e a minha mãe ficou na campanha, aí a minha mãe deu aula até mais 4 anos nessa escola Vacaiquá I, e depois veio pra cidade, quando então eu voltei a morar com ela. As escolas que haviam na volta ali era o Vacaiquá III, que é mais longe; tinha o Rufino Seni, onde uma tia minha ainda dá aula e que ainda funciona ; o Vacaiquá III fechou. O Vacaiquá I, que era onde minha mãe deu aula por mais 4 anos, acabou, porque de alunos até o quarto ano só tinha a minha irmã, aí ela decidiu que não queria. Foi proposto para ela ficar dando aula na escola, só com minha irmã de aluna, mas ela não quis porque ia prejudicar minha irmã por não ter convívio com colega nenhum, e para ela também ia ser frustrante dar aula só pra filha. Então ela decidiu vir pra cidade, começar a dar aula aqui, e também porque ela passou na Unipampa pra cursar letras em Bagé. Eu vim para cidade no início de 2009, terminei o ensino fundamental na escola Bernardino Ângelo, fiz 3 anos de magistério, mas acabei por não optar pelo estágio, e desisti no terceiro ano do magistério, formei-me na Escola Estadual Nossa Senhora do Patrocínio. Quando eu saí do Ensino Médio, em 2014, já tinha feito o Enem. Em março de 2015, eu já entrei na faculdade, na UNIPAMPA Campus - Bagé, curso de Matemática e Licenciatura, que estou cursando atualmente. Estou fazendo estágio no ensino fundamental e pensei em fazer o meu estágio na escola nucleada Anna Riet, onde minha mãe atualmente dá aula, pensei em fazer lá para ter um diferencial no meu relatório de uma escola nucleada da zona rural, com alunos que moram na zona rural, mas eu fui mais ou menos que impedida porque, como estava tendo a questão do transporte, o rodízio do transporte em que numa semana a escola Sucessão dos Moraes tinha aula, na outra semana era o Anna Riet, e isso ia atrasar muito o meu estágio, talvez eu não conseguisse concluir a tempo de fazer o relatório e terminar antes de julho. Então eu acabei optando por não fazer nessa escola por causa dessa questão, estou fazendo o estágio na escola Alda Seabra.”

Entrevista 4) Professora de Matemática do município e professora da E.E.

M.R.E.F. Sucessão dos Moraes

“Sou professora de matemática da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Sucessão dos Moraes. Vou fazer um breve relato, a pedido da professora Cláudia, que está fazendo o trabalho de conclusão de curso. É muito importante e bem significativo falar da escola Sucessão dos Moraes nessas condições, por ser a primeira professora de matemática, sempre trabalhei e atuei no Sucessão dos Moraes. Comecei a trabalhar no PIBID em 2014, quando fui selecionada e, como supervisora, agente fez alguns trabalhos, sou supervisora do PIBID com relação a projetos do Subprojeto Ciências da Natureza coordenado pela professora Crisna, e esse projeto envolveu a escola em todos os aspectos. Primeiro por se tratar de uma Escola do Campo em que poucas ações chegam às escolas, Então tu tens um projeto que valorize a comunidade, valorize os professores, valorize a clientela, então foi muito interessante levar um projeto de ciências pra dentro de uma escola do campo, até porque em alguns momentos essas escolas são consideradas escolas urbanocêntricas, que utilizam um pedaço da cidade dentro do campo, e o PIBID trouxe essa diversidade, o PIBID procurou trazer o que era do Campo pro Campo, então nós valorizamos todo o contexto. Nós começamos primeiro com um diagnóstico da escola, identificamos, né? Estudamos o projeto político-pedagógico, depois montamos um pequeno texto na verdade, de quem era aquela escola, quem aquela escola atendia, na verdade, nós começamos primeiro a elaborar o raio x, de quem era o Sucessão dos Moraes, para , a partir daí, começarmos a fazer ações voltadas para ciência e a tecnologia dentro daquele espaço. Na condição de supervisora, agente teve todo aquele apoio em um grupo de bolsistas que nós sempre trabalhamos lá dentro com um número de cinco a oito bolsistas, todos estudantes do Curso de Licenciatura em Ciência da Natureza em diferentes níveis da graduação, primeiro tivemos bolsistas de segundo semestre, terceiro semestre, assim como tivemos bolsistas do sexto, do sétimo já, em fase final da graduação, Então, nesse momento, foi bem interessante levantar os dados, coletar as informações saber quem era o Sucessão, conhecer quem era o Sucessão e a quem o Sucessão atendia, qual era a filosofia da escola, e, para nossa surpresa, a direção da Escola sempre foi muito presente, na verdade, a diretora da Escola, a

professora Milene, sempre nos abraçou, aceitou que levássemos o PIBID lá pra dentro e abraçou as ações do PIBID entende? Trabalhar com a Milene, essa parceria universidade e escola pública que era o foco do PIBID, um programa institucional de iniciação a docência, o PIBID conseguiu fazer esse elo direto né, porquê? Porque a diretora nos abraçou, a Milene sempre foi ímpar no que dizia respeito ao PIBID, porque ela acreditou nas ações, acreditou na proposta e nos recebeu de braços abertos, então isso foi um grande diferencial: a aceitação da gestão para esse tipo de programa. Quando a gente começou lá em 2014 em 2015, a primeira ação foi essa, foi escrever sobre a Escola, quem era essa Escola, na verdade era conhecer o contexto. Depois disso, nós começamos com algumas ações, todas elas voltadas ao Campo. Nesse primeiro momento, trabalhamos com a condição de experimentação, desenvolvemos alguns projetos, esses projetos, todos de forma que pudessem abranger a Escola como um todo. O foco do PIBID era de sexto a nono ano; no entanto, quando o programa começou nós atendíamos também a partir da pré-escola, um total de 112 crianças. Então era um público que não era tão pequeno, mas também não era tão grande, a gente conseguia fazer esse elo entre a educação infantil até o nono ano, então nós fizemos ciências de modo que atingisse todos os anos da escola, todos os anos, do pré ao nono ano e isso foi bem interessante porque eram ações em que a gente procurava ao longo do tempo, trabalhamos sobre solo, sobre a água, questões de sexualidade, questão de gênero, questões de cores, a química, a física, a biologia... a gente trabalhou todas as questões que a Ciência da Natureza exigia desses bolsistas, então a gente trabalhou a química, a física e a biologia, né? Claro que na escola fundamental, a gente não tem essas áreas específicas, mas a gente tem a Ciência, então, tivemos uma parceria bem grande com a professora titular de ciências, a professora Fabiele Miranda, que também recebia o PIBID e assim ela nos abraçou!! Então foi todo um contexto né? A escola toda aceitou o PIBID... e, dentro dessas condições a gente conseguiu valorizar, potencializar aquilo que os alunos sabiam com aquilo que a gente podia ofertar. Trabalhar nesse contexto, trabalhar nessas Escolas do Campo, trabalhar inclusive no Sucesso foi muito importante tanto para a escola quanto para os universitários e no caso para o professor, porque conseguimos envolver todas as áreas, a gente não ficou só na ciência, conseguiu fazer trabalhos junto com a professora de história, com a professora de matemática, a gente conseguia fazer essas trocas, o que pra uma Escola do Campo acreditamos

muito válido, porque essa escola, culturalmente, ela vive, ela sofre uma defasagem em todos os campos e no que diz respeito a projetos então ... são bem grandes as dificuldades enfrentadas e procurou, de certa forma, contribuir. Nosso papel e o papel dos bolsistas a todo momento foi esse: contribuir para que a Escola pudesse ter uma visão própria, que a Escola pudesse valorizar o contexto pra que ela pudesse ser realmente uma Escola do Campo, porque a gente, quando chegou lá, eu principalmente, quando cheguei lá no Sucessão, eu não tinha claro pra mim essa ideia, né... do que era trabalhar numa Escola do Campo e querer fazer da Escola do Campo um pedaço de uma escola da cidade. Nos deparamos com algumas dificuldades, e a primeira que eu percebi foi essa: eu estava trabalhando dentro de uma Escola do Campo, mas na verdade não era contextualizada, então essa foi a primeira dificuldade e, quando eu percebi que havia essa necessidade, que eu não estava fazendo algo que pudesse contribuir de forma significativa para os meus alunos, que a aprendizagem pudesse realmente dar um sentido... isso fez com que eu buscasse algumas coisas, que eu saísse da zona de conforto e uma das ações foi essa, quando houve oportunidade do PIBID, quando houve a oportunidade de criar esse vínculo entre universidade e Escola do Campo, então foi uma brecha que eu achei... “Óh, eu vou me capacitar, eu vou buscar pra que eu possa atingir ,para que eu possa trazer significado”. Então fiz o processo seletivo e enfim aí fomos para dentro da Escola. Mas é muito importante valorizar o contexto né? O contexto de uma Escola do Campo precisa ser valorizado, ela não pode ser considerada como uma escolinha, ela é uma escola, ela tem seus alunos , é sempre muito importante potencializar, é sempre muito importante dar sentido... Até hoje faço parte do quadro de professores do Sucessão do Moraes, enfrentam-se bastantes dificuldades, mas uma escola precisa ser vista por todo o lado positivo que é o engajamento dos professores, que são os alunos que eles atendem, essa condição mais de parte pedagógica assim, o Sucessão é composto hoje por 16 professores, são todos capacitados, são todos professores com um bom nível pedagógico, então a gente procura fazer diferente por mais que se tenha dificuldades, a gente busca na verdade fazer sempre diferente, a direção está sempre muito disposta, muito disponível para tudo que a gente procura trazer pra dentro da escola. Enfim, trabalhar numa Escola do Campo requer um olhar diferente, trabalhar numa Escola do Campo é enxergar diferente, é respeitar a diversidade, é saber que aquela clientela ali tem direitos né... sobre educação. Com a educação, por mais que se fale

muito que o ensino do campo não é um ensino de qualidade, não é verdade, somos todos capacitados, nós professores e a clientela que a gente está trabalhando. Para a escola do Campo é preciso que o professor que esteja lá... que ele se sinta do Campo também, pra ele poder dar sentido pra aquilo que ele está fazendo ali, então é isso”.